
CÁTEDRA
OLAVO
SETUBAL
DE ARTE,
CULTURA
E CIÊNCIA

#1
**DE KANT A
MACHADO DE ASSIS –
REFLEXÕES SOBRE
A MODERNIDADE
NO BRASIL**

Parceria do Instituto de Estudos
Avançados da Universidade de São
Paulo (IEA-USP) com o Itaú Cultural

DOI: 10.11606/9786587773025

UM VOO SOBRE A MODERNIDADE

Martin Grossmann →
Ana Paula Sousa →
Organizadores

PRIMEIRO TITULAR da Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência, criada em 2015 e lançada oficialmente em fevereiro de 2016, Sérgio Paulo Rouanet pavimentou o caminho da primeira Cátedra de arte e cultura da Universidade de São Paulo (USP). Não poderia haver nome mais adequado para o começo desse projeto que, após o encerramento do primeiro quinquênio, em 2020, foi renovado por mais cinco anos.

Rouanet, embaixador, intelectual, homem do mundo e ex-secretário Nacional de Cultura (1991-1992), abriga, em sua trajetória, muitos dos sentidos que justificam a existência da Cátedra: entre eles, o aprofundamento da relação entre academia e sociedade; a intersecção entre arte, cultura e ciência; e o encontro entre erudição e prática.

A gestão de Rouanet teve início em maio de 2016 e prolongou-se até março de 2017. Nesse período, Rouanet, seja no papel de conferencista, seja no de debatedor, levou para o IEA uma série de discussões e reflexões que, agora, ganham a forma de livro.

Este volume segue a ordem em que os encontros aconteceram e tem, como espinha dorsal, as transcrições das conferências, com as devidas adaptações necessárias à inteligibilidade de um texto originado na oralidade. Em alguns casos, as falas foram cotejadas com os textos que as originaram.

Na conferência de abertura, “A modernidade e suas ambivalências”, Rouanet coloca, para si mesmo, uma pergunta sobre um dos grandes temas de sua vida: a modernidade. “O que significa

a modernidade, afinal?”, questiona, de saída. O texto resultante da brilhante conferência é, além de um registro valioso de um momento único – no qual as ameaças sobre a esfera cultural, no Brasil, começavam a se delinear –, uma referência importante para quem deseja compreender, teoricamente, o que significa a modernidade.

O segundo texto deste volume, “Arte, artista, Universidade”, reproduz o encontro entre professores e artistas que, a partir das perspectivas do iluminismo e da modernidade, procuraram discutir a formação do artista, a função e o uso da arte e o papel da Universidade hoje. A conversa teve como referência dois textos preparados por Rouanet e por Barbara Freitag: *Estética e modernidade: uma reflexão sobre Walter Benjamin* e *A arte, a cultura e a ciência em Kant*, respectivamente.

Ambos os textos integraram a conferência “O prazer desinteressado da arte? De Kant à cultura pós-aurática de Walter Benjamin”, a terceira da Cátedra. Nesse encontro, as três críticas de Kant e o famoso texto de Walter Benjamin, *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* serviram de esteio para uma reflexão que continuou tendo a modernidade como referência, mas que expandiu sua reflexão para o campo da estética.

No quarto debate, “A ciência e suas fronteiras”, Rouanet colocou sobre a mesa a questão das fronteiras da ciência, tratadas a partir de três eixos: as fronteiras internas dentro do campo das ciências; as fronteiras da ciência com a

religião, a moral ou a política; e o impacto sobre a ciência das fronteiras nacionais e culturais. A conferência, assim como o debate que a ela se seguiu, foi uma continuidade natural das conversas anteriores e jogou luzes, sobretudo, sobre o lugar das ciências humanas no campo do conhecimento científico.

Na sequência desses encontros que fizeram o que poderíamos chamar de voos panorâmicos sobre a base epistemológica das humanidades, a Cátedra, encaminhando-se para o final, fez um mergulho em dois terrenos específicos, e muito caros a Rouanet: a psicanálise e a literatura.

A quinta conferência, “Cinema e psicanálise”, conduzida pelo psicanalista Luiz Fernando Gallego, explora as intersecções e os distanciamentos entre ambos os saberes – não por acaso, nascidos no mesmo ano de 1895. O encontro, marcado pela associação de ideias, iluminou as possibilidades e limites dessa relação que carrega, em seu bojo, as vivências sociais e culturais de cada época.

Por fim, a mesa-redonda sobre Machado de Assis, que marcou o encerramento das atividades e que teve a condução do professor Alfredo Bosi, trouxe à tona uma visão mais complexa e menos usual de Machado. Na medida em que insere o autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas* no conceito de “literatura universal”, na acepção de Goethe, Rouanet acaba por nos devolver, mais uma vez, à ideia de modernidade e por nos colocar frente a frente com um Brasil que é também espelho do mundo.